



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**O TELEJORNAL VESPERTINO DA REDE GLOBO: NA INFORMALIDADE DO
“BOA TARDE”, O DISCURSO DA NEGOCIAÇÃO/INSTRUÇÃO “HOJE”.**

Daura Amália do Nascimento Câmara

**Campina Grande – PB
Dezembro de 2010**

Daura Amália do Nascimento Câmara

**O TELEJORNAL VESPERTINO DA REDE GLOBO: NA INFORMALIDADE DO
“BOA TARDE”, O DISCURSO DA NEGOCIAÇÃO/INSTRUÇÃO “HOJE”.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo, Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva

Campina Grande – PB

Dezembro de 2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

- C172t Câmara, Daura Amália do Nascimento.
O telejornal vespertino da Rede Globo [manuscrito]: na informalidade do “boa tarde”, o discurso da negociação/instrução “hoje”/ Daura Amália do Nascimento Câmara. – 2010.
60 f.
- Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2010.
“Orientação: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva, Departamento de Comunicação Social”.
1. Telejornalismo. 2. Discurso Jornalístico. 3. Imprensa. 4. Análise do Discurso. I. Título.

21. ed. CDD 070.195

Daura Amália do Nascimento Câmara

**O TELEJORNAL VESPERTINO DA REDE GLOBO: NA INFORMALIDADE DO
“BOA TARDE”, O DISCURSO DA NEGOCIAÇÃO/INSTRUÇÃO “HOJE”.**

Monografia de conclusão de curso submetida à
Universidade Estadual da Paraíba, UEPB,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Comunicação Social com
habilitação em jornalismo e aprovada pela
seguinte banca examinadora:

Moisés de Araújo Silva

Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva (Orientador)

Róberia Nádia Araújo Nascimento

Prof.ª Dra. Róberia Nádia Araújo Nascimento

Rômulo Ferreira de Azevedo Filho

Prof. Esp. Rômulo Ferreira de Azevedo Filho

Campina Grande – PB

13/12/2010

“O fim de toda busca humana é JESUS”

(Morgana Bezerra Bispo)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, entendendo que tudo o quanto tenho e sou procede dEle. À minha família e amigos, por serem um apoio constante e em especial ao meu orientador Moisés pela paciência e ensinamentos tão preciosos.

Agradecimentos

Ao motivo maior da minha canção e inspiração, Deus, Pai, antes que eu me expresse tu já conheces o que move o meu coração. Portanto, restrinjo-me ao clichê de dizer que me faltam palavras de gratidão adequadas. Ao Espírito Santo, amigo, sempre “monografando” comigo, te devo essa! À minha mãe, Geuza por ter confiado na menina de 17 anos que saíra debaixo de suas asas para ganhar os céus paraibanos. Por todo investimento e desgaste, entre tantas outras coisas e por nunca ter desistido de mim. Te amo! Ao meu Pai Roberto Flávio por ser um referencial de perseverança e inteligência ímpar. Aos meus irmãos Danilo e Daniel, os mais lindos, e Renale e Clarissa, por me arrancarem tão belos sorrisos. À minha “vozinha”, Lindomar, também devo gratidão por ter contribuído com a formação do meu caráter e me devotado tanto amor! Estendo minha gratidão a toda minha família.

Agradeço de forma especial ao meu orientador Moisés, por toda paciência, competência, todas as chances, e conversas, enfim, por ter caminhando junto comigo nesse propósito.

Aos meus colegas de sala, por cada momento impagável que compartilhamos. Às minhas mais que colegas de apartamento, Karla, Ana, Morgana, Karliane e Jacqueline, as quais não posso divulgar os apelidos (risos), formamos o sexteto fantástico de diferenças tão iguais, vocês sempre me ensinam!

A todas as amigas de infância, a turma do IESC/Santa Cruz, Luana e Primo “véi”, Ritinha, Ramila e Larissa, vocês são o motivo da minha saudade. Minhas primas Jáina e Aldrina pela amizade de sempre.

Sou grata, sobretudo a esta terra que me acolheu, e a todas as pessoas que conheci aqui, Magliana, eterna “Tia Ana”, a personificação da paciência, (Risos), sua amizade é preciosa. Às irmãs Oliveira: Taty e Tallyta e sua mãe Elisete. Amo muito vocês! À Ana Paula e família, vocês são importantes! Aos companheiros de vigília da “Barca do Senhor” e “EJC’s”, Nuara, e família do Ó, Deus continue abençoando cada um. Ao meu melhor amigo Emiliano Gomes, um grande homem ao qual admiro.

Sou grata a minha liderança espiritual pela cobertura, e de forma geral a todos que contribuíram de alguma maneira para que hoje eu estivesse diante dessas linhas, o que para mim considero vitória. Cesso minhas palavras, porém, não a minha gratidão.

“Campina, Campina! nunca te tive e jamais te deixarei”

(Morgana Bezerra Bispo)

Resumo

Este Trabalho teve por objetivo realizar a análise de algumas matérias veiculadas pelo telejornal, Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, no período que antecedeu as eleições para a presidência do Brasil, em 2010. Buscamos compreender o funcionamento do discurso jornalístico por ele empregado, suas coerções e formações discursivas. Foram investigados mecanismos de construção do discurso e desvendados os efeitos de sentido do gênero. O conteúdo desta análise respalda-se teoricamente a fim de detectar como o aspecto informal do discurso do Jornal Hoje, resulta no caráter instrutivo do mesmo. Para tal, utilizamos como fundamentação teórica a escola francesa, da Análise de Discurso, postulada por Michel Pêcheux.

Palavras chave: Jornal Hoje, Discurso Jornalístico e Informalidade.

Abstract

This paper aims to analyze some piece of news sowed by the TV News, Jornal Hoje, from Rede Globo Television, from the previous period of Brazilian presidential elections of 2010. We tried to understand its journalist discourse, coercions and discursive form. It was investigated the mechanisms of discourse construction and indentified the effects of sense of the genre. The subject of this analyze draws upon theory in order to detect how the informal aspects of the discourse of Jornal Hoje, results on instructive character of the same. To that, we based the theoretical validity on the French School, from Analyze of Discourse, used by Michel Pêchex.

Keywords: Jornal Hoje, Journalistic Discourse and Informality.

Sumário

1 – INTRODUÇÃO	12
----------------------	----

CAPÍTULO I

1.1 – o Advento da Televisão	15
1.2 - A TV no contexto brasileiro	17
1.2.1 – Viagem pelo tempo.....	17
1.3 – Surgimento da Rede Globo de Televisão.....	19
1.4 - Telejornalismo.....	20
1.5 - Jornal Hoje.....	22

CAPÍTULO II

1.1 – A ideologia no campo das práticas	25
1.2 – Formação Discursiva e Interdiscurso.....	29
1.3 – Condições de Produção	32
1.4 – O Discurso Jornalístico	32

CAPÍTULO III

1.1 – Aspectos Metodológicos	35
2.1 – Código Penal	36
2.2 – Cooperativa x SUS	42
2.3 - 0x0 no placar: empate na Lei da Ficha Limpa	46
2.4 – Economia	50

CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
----------------------------------	----



Introdução

Não é preciso viver na “era da informação” para entender a importância de se comunicar. Civilizado ou não, dependendo do que entendemos por civilidade, o “rude” homem das cavernas, sem a avançada tecnologia de hoje, já sabia o que era essa prática. De lá até aqui vários artifícios possibilitam que a comunicação seja efetuada, verbal ou não-verbal, ela permeia nossas relações e encontra na tecnologia um elemento que corrobora para sua eficácia.

Atualmente temos na mídia um verdadeiro condutor de informações que possibilita a sociedade o acesso à diferentes horizontes culturais e de conhecimento, ao ponto de tornar-se um império e estabelecer os seus padrões. Como bem afirma Ferreira (1991), a mídia impõe suas opções políticas a até religiosas sorrateiramente, de forma que o consumidor não se dê conta.

O jornalismo como um produto midiático, encontra-se devidamente encaixado nesses padrões e constitui um meio de construção da realidade através da notícia. Formatado aos moldes da TV, o telejornalismo, ganha força frente à sua abrangência transformando-se em um gênero o qual conquistou a atenção popular facilitando o acesso à informação.

Este estudo dá ênfase ao telejornalismo, em específico ao Jornal Hoje, justificando-se pela escolha de um produto veiculado pela televisão, portando um meio de comunicação de massa, levando em conta sua penetração na grande maioria dos lares brasileiros, sua linguagem acessível e conteúdo diversificado.

O presente trabalho foi construído sob a luz da escola francesa de Análise de Discurso, segundo Michel Pêcheux. Pois analisar o discurso permite que penetremos nos sentidos produzidos pelo sujeito através do que este enuncia. É possível detectar o que condiciona determinado discurso através da “Formação Discursiva” na qual ele se insere. Assim, objetivamos desvendar o que há por trás da literariedade das palavras vinculadas ao discurso do Jornal Hoje, buscando averiguar o efeito de sentido que elas provocam bem como as estratégias utilizadas para sua transmissão.

A relevância desse trabalho se dá não apenas por seu cunho acadêmico-científico, mas, além de tudo, por sua preocupação em desmistificar a noção de imparcialidade do jornalismo dito objetivo. Através da análise da prática discursiva, de um vespertino televisivo, notavelmente descontraído e informal, intencionamos trazer à tona que todo dizer provém de uma posição ideológica, e varia de sentido

de acordo com a formação discursiva na qual ele estiver sendo dito, produzindo consequentemente diversos efeitos de sentido.

No primeiro capítulo fizemos uma explanação sobre a importância da televisão enquanto veículo de comunicação de massa. Apresentamos um breve histórico desde sua invenção até as etapas de seu aperfeiçoamento culminando na TV digital. Também discutimos sobre a televisão no contexto brasileiro, em particular comentamos acerca da Rede Globo de Televisão, emissora através da qual o Jornal Hoje é produzido e transmitido, relatando seu contexto de surgimento e influências. Neste mesmo espaço foram explanadas considerações sobre o telejornalismo e suas peculiaridades. Em um último momento trouxemos a história do Jornal Hoje e sua organização estrutural.

O segundo capítulo constitui o conteúdo teórico sobre a escola francesa de Análise de Discurso, conforme Michel Pêcheux. A princípio foi discutido o caráter prático da ideologia. Utilizamos como ferramenta teórica conceitos como os de Formação Discursiva, Interdiscurso, condições de produção sujeição e discurso. E encontrada a relação de cada uma dessas apreciações como elementos de sustentação para AD. Tivemos neste capítulo os subsídios essenciais para a compreensão da nossa análise.

O terceiro capítulo fomentou a aplicação dos aspectos metodológicos e constituição efetiva da análise do corpus escolhido. Quatro matérias foram analisadas tratando respectivamente dos temas política, saúde, novamente política e por fim economia. Percebemos que em cada uma delas determinado tipo de discurso em específico foi sustentado. Apesar de serem distintas em seus temas e alocações, o entrecruzamento entre o conteúdo das reportagens em vigor nos fez inferir que além da informalidade o Jornal Hoje tem como característica de seu discurso o cunho instrutivo.



Capítulo I

1.1 – O advento da Televisão

A Televisão é considerada atualmente como um dos principais meios de comunicação de massa; suas qualificações estão além do seu significado denotativo no qual resume televisão como transmissão e recepção de imagens visuais mediante sinais eletromagnéticos.

Quando dizemos que o objeto da comunicação são os meios de comunicação de massa, e dentre eles a televisão, por exemplo, ao que, exatamente, estamos nos referindo? Ao aparelho e todo o desenvolvimento tecnológico que possibilitaram transmitir e receber sons e imagens instantaneamente, nos quatro cantos do mundo, com alto grau de precisão? À maneira como foram se conformando as mensagens (a produção discursiva) dentro desse novo meio? À diversidade de produtos (gêneros discursivos) que aí foram gerados? Ao desempenho, competências, à cultura profissional, enfim, dos que aí trabalham? Às características do processo de produção e circulação dos produtos (das rotinas produtivas às técnicas de inserção e disputa de mercado)? Aos hábitos, competências, interpretações, re-elaborações e usos específicos dos telespectadores? Ou às influências a que eles estão expostos? À sociedade que criou e impulsionou o uso da TV? Ou a sociedade que é “criada” pela TV? (FRANÇA, 2008, p.40).

Definitivamente a TV não está restrita a um “simples” aparelho transmissor de imagens, informação, entretenimento e educação; ela revolucionou a comunicação representando muito bem as relações humanas conceituadas pela globalização. Seu alcance se diversifica tornando possível a menção de um mesmo fato simultaneamente para espectadores distintos em qualquer parte do mundo. Seu conteúdo cinge as mais diversas camadas sociais; o áudio e o visual (características que remetem ao rádio e o cinema) se unem em um único veículo e originam uma linguagem compreensível por qualquer indivíduo independente da sua condição social, étnica, etária, religiosa, entre outras.

A história da Televisão deve-se a grandes matemáticos e físicos que desde o início do século XIX, executavam experiências com a transmissão de imagens à distância, não se pode afirmar com precisão onde e quem a “inventou” de fato. Em 1923 Vladimir Zowrikin cria um tubo a vácuo com uma tela de células fotoelétricas, patenteado como tubo iconoscópio.

O advento do iconoscópio nos possibilitou a imagem da TV. A primeira grande empresa norte-americana de telecomunicações RCA – “Radio Corporation of América”, unindo-se a alemã Telefunken compartilharam experiências com transmissões e troca de tecnologia. Pozenato (1997) relata que em 1935 a

Alemanha realizou as primeiras transmissões de TV experimentais e que no ano seguinte a RCA instalou uma emissora em Nova York e na Inglaterra, a conhecida BBC (British Broadcast Corporation). A BBC iniciou com transmissões regulares de televisão e foi a primeira emissora de TV pública do mundo.

A chegada da TV em cores foi o ponta-pé inicial para uma contínua evolução tecnológica, surgiram então as transmissões via satélite. A tecnologia está diretamente ligada com a revolução mundial no domínio da informação, ela possibilita maior qualidade técnica na transferência e difusão do sinal televisivo. Norteadada por essa evolução uma das questões mais recentes acerca da Televisão é o atual sistema de transmissão de TV digital - caracterizado por sua alta definição, garante imagem e som de ótima qualidade – especificamente a HDTV, High Definition Television, proporcionou o que Paternostro (2006) chamou de uma das maiores mudanças tecnológicas desde o aparecimento da TV em cores. Ela explica ainda que o funcionamento desse formato digital gera e processa informações digitalizadas, transformando sinais de áudio e vídeo em dados de um computador, e por conseguinte permitindo um sinal sem chuviscos ou ruídos. Uma vez digitalizado, o sinal consegue ser preservado desde sua fonte de geração até à casa dos telespectadores. Porém a imagem de qualidade perfeita não significa a única vantagem da HDTV:

Também considerada uma característica revolucionária, a HDTV tem a possibilidade inesgotável de utilizar recursos da informática o que facilita a programação de canais e a interligação com o computador, videocassete, aparelhos de som, fax, telefones, etc. (PATERNOSTRO, 2006, p. 67).

A proximidade entre TV e internet dará ao telespectador condições de manter um nível de interatividade com a programação. Conforme descreveram Bistane e Bacellar (2005) essa relação é similar a que obtemos quando estamos conectados à rede de computadores – com diálogos e comentários em tempo real. Tais mudanças representarão para as empresas (fabricantes e anunciantes) uma oportunidade de negócios, e para o telespectador uma facilidade. “A TV digital está no bojo das transformações econômicas da globalização” (BARBEIRO & LIMA, 2002, p. 50). As expectativas dessas mudanças trazem consigo também uma formatação para os modelos de produção dos programas televisivos. Teremos, portanto, na TV digital a

personificação da evolução que a comunicação vem sofrendo ao longo dos últimos anos estreitando ainda mais as distâncias entre as pessoas.

1.2 - A TV no contexto brasileiro

Para entendermos a importância da Televisão no Brasil, devemos nos remeter ao contexto social brasileiro e o porquê poder-se afirmar que ela é a principal e mais abrangente fonte de informações e notícias. Pozenato (1997, p. 23) constata que existe uma ligação entre o império absoluto da televisão do Brasil e a situação econômica em que o país se encontra. O sofrimento por questões financeiras assola a maior parte da população brasileira, conseqüentemente reduz o ingresso à uma cultura erudita, de custos mais altos como o acesso ao teatro, óperas, cinema ou até mesmo uma boa leitura. Nesse contexto a abrangência da Televisão alcança números impressionantes. Acerca dessa compreensão Bistane e Bacellat concluíram sobre a TV que:

“Ela chega praticamente a todos os municípios brasileiros e está em 90% das residências, segundo dados do IBGE. É a principal fonte de informação e diversão de uma parte significativa dos brasileiros. Por onde quer que se olhe, estão as antenas para captar as transmissões: nos gabinetes e botecos; às margens de rios da Amazônia e nos barracos das favelas (BISTANE e BACELLAT, 2005, p. 9).”

Somada a este dado, na justificativa de explicarmos o prodígio de expansão da TV brasileira, podemos inferir a observação de Pozenato (1997) a qual faz alusão a certa deficiência brasileira na difusão de uma cultura de base além de o Brasil apresentar lacunas na sua educação; este fato a faz concluir que o divertimento menos caro e, portanto mais acessível é a televisão e esta por sua vez, com seu papel de veículo de comunicação de massa, provocou no Brasil um verdadeiro fenômeno de audiência.

1.2.1 - Viagem pelo tempo

Em 1923 nascia o rádio no Brasil. A priori um meio de comunicação de elite. Foi instaurado no país trazendo consigo todo o glamour da “época de ouro do rádio brasileiro”. Este respeitável meio de comunicação de massa ostentou grandes ídolos

e manteve por muitos anos prestígio e grande audiência. No início da década de 50 a indústria brasileira principiava seu processo de crescimento; um tempo proveitoso de desenvolvimento comercial, financeiro, educacional. Na política Getúlio Vargas era eleito presidente do Brasil. Nessa época o jornalista e empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, era proprietário do grupo Diários e Emissoras Associados. Assis Chateaubriand viabilizou a vinda de técnicos da RCA ao Brasil, no intuito de implantar a televisão. Trouxe do exterior também os equipamentos necessários para transmitir imagens que seriam geradas dos estúdios montados no prédio dos Diários Associados.

Pouca documentação se tem dessa época, mas uma data marca a inauguração oficial da primeira emissora de TV no país: 18 de setembro de 1950. Nesse dia entrava no ar a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi de São Paulo. Primeiro canal 3, mais tarde canal 4 – a pioneira da América Latina. (PATERNOSTRO, 2006, p. 29)

A adesão ao novo meio de comunicação no princípio foi tímida devido ao alto custo dos aparelhos. No ano de 1954 entre Rio de Janeiro e São Paulo existiam 12 mil televisores; em 1958 eram 78 mil em todo país. Vizeu (2008) cita o caráter elitista da TV em seus primeiros anos, porém o estabelecimento definitivo da indústria eletrônica e o programa de crédito ao consumidor possibilitaram que o número de vendas de televisores aumentasse.

Silva (1985) considera dois pontos importantes para que a expansão da Televisão se transformasse em um fenômeno, o primeiro deles era o interesse das grandes empresas transnacionais de alargarem seus mercados e o segundo seria as condições em que o modelo econômico do país de 1964 viabilizou o crescimento da TV.

“O Estado jogou alto para que o número de aparelhos de TV se disseminasse pelo Brasil: construiu um moderno sistema de microondas, abriu possibilidades de crédito para a compra de receptores, forneceu a infra-estrutura indispensável para a sua expansão. [...] A Televisão teve como função a partir de 64 a operação de acelerar o processo de circulação do capital para viabilizar a forma de acumulação monopolista adotada desde então”. (SILVA, 1985, p. 27)

No princípio a programação da TV apresentava uma nova roupagem de atrações oriundas do rádio e do teatro. A acessibilidade aos aparelhos de TV também permitiu a expansão das emissoras para outros estados, Paternostro (2006, p. 31) descreve a TV como um veículo que ampliava sua área de penetração e

começava a atrair as agências de propaganda e os anunciantes, evento que acabou por difundir o caráter comercial da TV, fazendo-a surgir como uma fórmula mágica para a venda de produtos.

A invenção do videotape causou grande repercussão no modelo de produção da TV, o aparelho possibilitava a reprodução dos eventos posteriormente ao tempo real em que aconteciam, sem que fossem ao vivo; o VT gravava e ainda possibilitava a edição/seleção de imagens permitindo que elas fossem arquivadas.

A TV Excelsior foi pioneira em fazer proveito da potencialidade do videotape, assim as emissoras puderam investir mais nas telenovelas, a TV Excelsior lançou a primeira novela diária nomeada 2-5499 Ocupado. Não querendo ficar atrás a TV Tupi de São Paulo produziu a primeira novela de sucesso: *O direito de Nascer*, datada de 1964. Foi também nos Anos 60 que a TV brasileira contemplou o nascimento dos famosos programas de auditório (PATERNOSTRO, 2006, P.32).

1.3 – Surgimento da Rede Globo de Televisão

Passados 15 anos desde a chegada da televisão no Brasil, em 1965, foi inaugurada a emissora das Organizações Globo, do Rio de Janeiro.

O dia 26 de Abril marca o nascimento polêmico da TV Globo. Idealizada pelo jornalista Roberto Marinho, a estréia da emissora só foi possível por intermédio de uma negociação com a empresa norte-americana *Time-Life*, acordando a cooperação técnica e financeira por parte dos americanos. Tal atitude era contrária a legislação brasileira, a qual proibia a participação do capital estrangeiro nas empresas de comunicação. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) comprovou a questão, apesar da evidência de operação ilícita, conforme expôs Vizeu (2008), em 1968, o General Costa e Silva pôs fim ao caso.

A empresa consolidada pelo Sr. Roberto Marinho, teve início sob a proteção do regime militar, e ostentou poder suficiente para sucumbir não somente os escândalos envolvendo o grupo *Time-Life*:

No período agudo do autoritarismo, a Rede Globo era acusada de prestar-se ao papel de porta-voz oficial da ditadura, a quem efetivamente serviu com dedicada lealdade. Quando os brasileiros começaram a recuperar as liberdades democráticas, tiveram de derrotá-la junto com o poder militar – em episódios como os das greves do ABC (no qual os

próprios jornalistas da Globo insurgiram-se contra a deformação da realidade nos noticiários da emissora) e a campanha das Diretas (que só chegou à tela da Globo tardiamente, quando já não se podia ignorar a presença das multidões na rua). (FERREIRA, 1991, p.163)

A TV Globo começa com uma programação voltada para a linha popular (Chacrinha, Dercy Gonçalves, Raul Longras e, a partir de 1966 – quando compra a TV Paulista –, Silvio Santos) e, associada ao grupo norte-americano Time-Life, parte para a implantação do esquema de network, comprando ou contratando emissoras pelo país (as afiliadas) para expandir o seu sinal. (PATERNOSTRO, 2006, p.33)

Contemporâneo a este fato, surge no país a INTELSAT, uma empresa de telecomunicações, que por sua vez viabilizou a estrutura para a criação das redes nacionais de televisão – interligando o Brasil por meio de rotas utilizando satélites de telecomunicações. O grande marco desse processo foi a estréia do *Jornal Nacional*.

No ar pela primeira vez em 1º de setembro de 1969, o *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal a ser exibido em rede no país. A partir daí, a Rede Globo só viria a se expandir, ultrapassando as fronteiras não só estaduais, mas nacionais, ela confirma o seu “padrão de qualidade” e nível técnico de excelência, como relata (POZENATO, 1997, p.27).

Pozenato (1997) faz menção ao senso publicado no início da década de 90 o qual aponta a Rede Globo de Televisão como atingindo 99% das cidades brasileiras.

Diante das discussões sobre a Televisão no contexto brasileiro, postas até o presente tópico, é inegável o seu alcance e importância.

1.4 - Telejornalismo

Classificada como meio de comunicação de massa, a TV considera o seu vasto alcance e através do jornal audiovisual, o telejornal, imprime o gênero jornalístico à sua programação.

O jornalismo é um domínio de interesse social, um dos instrumentos mais fortes de socialização e é também uma linguagem de aculturação, É um discurso endereçado à comunidade e o poder desse discurso, se somando ao da televisão torna-se incomensurável. (POZENATO, 2006, p.30)

Imagens do Dia foi o primeiro telejornal da televisão brasileira, estreou em 1950, exibido pela TV Tupi de São Paulo. O primeiro telejornal de sucesso no país foi o *Repórter Esso*, o qual teve sua estréia na mesma emissora em 1953 e se manteve no ar por quase 20 anos. Como sucesso na categoria também não poderia deixar de ser mencionado o *Jornal Nacional*, no ar até hoje, desde a sua estréia, o telejornal é líder de audiência em seu horário de exibição.

Baseados na colocação de que o telejornalismo é um bem de interesse social, podemos inferir que para a transmissão da informação ser completada a linguagem jornalística na TV deve se apresentar de forma clara e compreensível, que atinja desde o letrado ao analfabeto. De forma geral, bem como em outras mídias, a produção televisiva se organiza de acordo com o público ao qual está endereçada, neste caso o telespectador é o chamado público-alvo.

Os telejornais baseiam seu formato conforme o horário de sua apresentação, desse modo (OLIVEIRA, 2004, p.42) enumera os quatro tipos de telejornal:

Matutino – Apresentado geralmente às 7h da manhã, tem como característica um estilo mais descontraído na postura de seus apresentadores e no trato com as matérias. Possui cenário de cores leves. Este gênero exhibe notícias do dia e da noite anterior. Favorece também os diálogos entre os apresentadores e explora a participação de comentaristas.

Vespertino – Normalmente é apresentado, na parte da tarde, em sua maioria no horário próximo à hora do almoço. O modelo também possui um estilo mais leve, mas isso não o impede de ser rico em matérias factuais. O gênero explora temas como moda, cultura e turismo. Traz as notícias do dia até o momento de sua exibição.

Noturno – É o principal telejornal de uma emissora, apresentando as principais notícias no dia. Possui um grande volume de matérias factuais de impacto o que o faz ganhar ritmo dinâmico e maior audiência.

Fim de noite – Sintetiza as principais notícias do dia. Tem um público menor e mais seletivo e costuma apresentar versões mais elaboradas das notícias.

1.5 - Jornal Hoje¹

O Jornal Hoje, JH, é um dos mais antigos telejornais da Rede Globo. Teve sua estréia no dia 21 de Abril de 1971, exclusivamente para o estado do Rio de Janeiro, apenas em 03 de junho de 1974 foi televisionado em rede nacional. Seus primeiros apresentadores foram Léo Batista e Luís Jatobá.

O Vespertino possui a estrutura de revista eletrônica, inspirada no modelo do jornal norte-americano *Today*. O formato de revista diária possibilitava que os telespectadores conferissem as tendências da moda, palpites dos astrólogos, receitas de culinária, matérias sobre arte, espetáculos, entrevistas, etc.

O telejornal apresentava as crônicas de Rubem Braga, contendo as peculiaridades do cotidiano brasileiro. Trazia a versatilidade de Nelson Motta, que mostrava as novidades de vários ritmos musicais, e contava ainda com Rubens Ewald falando sobre as produções do cinema. “Foi nesse telejornal, marcado por estilo inovador, que surgiram pela primeira vez na tela, repórteres sem gravata e com cabelos compridos”. (OLIVEIRA, 2004, p.42)

Em 1981, O JH ganha novo cenário, mais moderno, as entrevistas deixam os estúdios e o jornalista Pedro Bial ganha as ruas ao encontro dos seus entrevistados. No mesmo período a editoria de “turismo” tomava grandes proporções, desvendando paraísos ecológicos e estimulando no país o exercício do turismo. Em 1991, o jornal sofre mais mudanças em seu cenário e formato, apresentado agora por Valéria Monteiro e Márcia Peltier, ganhava novas editorias, com destaque para a editoria de beleza exibindo o quadro “Você”, com Cristina Franco. Londres sediava as entrevistas internacionais sob responsabilidade de Beth Lima. Sete anos depois a jornalista Sandra Annenberg assume a bancada do Jornal Hoje, ainda no Rio de Janeiro. Em 1999, o jornal passa a ser apresentado dos novos estúdios da Rede Globo em São Paulo. Uma transformação marcante acontece em agosto de 2001 quando Carlos Nascimento assume os postos de apresentador e editor-chefe, dividindo a bancada com Carla Vilhena, passaram a apresentar o Jornal diretamente da redação da TV Globo. “Essa modificação implicou comentários das notícias feitos

¹ Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/historia-do-jornal-hoje.htm>

pelos apresentadores em uma linguagem mais dialogada e informal” (OLIVEIRA, 2004, p.44).

Em janeiro de 2003, começa outro capítulo: com apresentação de Carlos Nascimento e Sandra Annenberg, o JH muda a linguagem para um tom mais coloquial e modifica também seu conteúdo para resgatar sua vocação, que é de um telejornal-revista. Retornam as entrevistas especiais; os temas de comportamento humano, social e ético ganham destaque, bem como as reportagens sobre cultura.

Em fevereiro de 2004, Carlos Nascimento deixa o programa, Evaristo Costa por sua vez abandona da apresentação da previsão do tempo para juntar-se a Sandra Annenberg na bancada. Com uma linguagem coloquial, sem perder a seriedade, o Jornal Hoje avança em sua busca por uma forma criativa de fazer revista na TV.

Presentemente, o Jornal Hoje vai ao ar de segunda a sábado, às 13h e 15min, apresentado por Sandra Annenberg e Evaristo Costa, havendo rodízio entre os apresentadores aos sábados. Outros apresentadores que compõem a equipe são Rosana Jatobá, Zileide Silva, Mariana Godoy e Renata Capucci.

O telejornal é dividido em três blocos intercalados por intervalos comerciais, com duração aproximada de vinte minutos. O quadro de repórteres é variado, O JH ainda conta com a participação de Flávia Freire como “garota do tempo”.

Os quadros² exibidos atualmente são: “Cabine do Hoje”, “Dicas Domésticas”, “É Curioso”, “Gentileza”, “JH Entrevista”, “Mercado de Trabalho”, “Tô de Folga”, “Vai dar o que falar” e “Você faz a notícia”.

A equipe ainda possui Teresa Garcia como editora-chefe, Paulo Amaral como editor-executivo e uma equipe de mais sete editores.

² Fonte: <http://g1.globo.com/videos/jornalhoje#/Quadros>



Capítulo II

1.1 - A Ideologia no campo das práticas

O presente capítulo sustenta-se na Análise de Discurso da escola francesa, segundo Michel Pêcheux, a qual esclarece os fundamentos de uma teoria materialista do discurso, tomando por base a apreciação de elementos que relacionam à teoria das ideologias, à prática de produção dos conhecimentos e à prática política.

Neste caso em específico, para o estudo da Análise do Discurso (AD), é importante que entendamos algumas concepções a despeito da ideologia afim de que percebamos como ela se encontra ligada ao exercício do discurso e como isso influenciará o objeto do nosso estudo. Por tal motivo justificamos o capítulo em questão com o intento de analisar os discursos vinculados ao JH bem como seus aspectos ideológicos.

Cabanis e Destutt de Tracy juntamente com seus amigos foram os inventores da expressão “Ideologia”, atribuindo-a como objeto a teoria (genética) das ideias. Cinquenta anos mais tarde, Marx faz um resgate desse termo atribuindo-lhe um sentido totalmente distinto no qual “a ideologia é o sistema de idéias e representações que domina a mente de um homem ou de um grupo social”. Althusser (1985) identifica o conceito marxista sobre ideologia, em *A ideologia alemã*, afirmando ser esta uma tese puramente negativa, pois a abordagem de Marx trazia a ideologia como sendo um puro sonho, vazio e fútil, uma montagem imaginária, não tendo portanto história.

Partindo do pressuposto marxista de que a ideologia não tem história, Althusser faz uma releitura desse termo em um sentido oposto ao que propôs Marx:

Por um lado, penso ser possível afirmar que as ideologias têm uma história própria (ainda que esta seja determinada, em última instância, pela luta de classes); e por outro, creio ser possível afirmar que a ideologia em geral não tem história – não num sentido negativo (sua história lhe é externa), mas num sentido absolutamente positivo. (ALTHUSSER, 1985, p.125)

Desse modo Althusser indica um sentido ao fato de a ideologia tratar-se de uma realidade *oni-histórica* - por esta estrutura mostrar-se imutável ao permear toda história - relacionando-a diretamente com a concepção freudiana de que o inconsciente é eterno, portanto também não possui história. “A ideologia é eterna, exatamente como o inconsciente” (Althusser, 1985, p.125) apesar de existirem a

história das ideologias em particular, a Ideologia em geral, está que está diretamente associada ao inconsciente, não possui história. Althusser (1985) deixa bem clara essa separação entre o que ele chama de Ideologia geral e ideologias em particular. Para que Althusser chegasse até essa proposta de uma teoria da Ideologia em geral, ele especifica como seria viável uma teoria das ideologias particulares, baseada na história das formações sociais e das lutas de classes desenvolvidas dentro delas, sejam quais forem suas formas: religiosa, ética, política, jurídica, estas necessariamente expressariam posições de classes.

A fim de elucidar ainda mais esta proposição de uma Ideologia em geral, mencionaremos o resgate que Pêcheux (1988, p.152) faz, ao pontuar o mesmo raciocínio de Althusser confirmando que:

“o conceito de Ideologia em geral permite pensar “o homem” como “animal ideológico”, [...] “A história é um imenso sistema “natural-humano” em movimento, cujo motor é a luta de classes. [...] é no interior desse processo “natural-humano” da história que “a Ideologia é eterna” [...]

Althusser dispõe de argumentos que explicitam seu posicionamento com relação a ideologia e aos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) através da formulação de algumas teses. A primeira se refere ao objeto “representado” sob a forma imaginária da ideologia, na qual Althusser afirma ser a ideologia a representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Fundamentado no fato de que os homens “precisam” dessa transposição imaginária de suas condições reais de existência para representar “para si” essas condições, Althusser aponta várias interpretações que convergem para uma mesma conclusão: “o que se reflete na representação imaginária do mundo encontrada na ideologia são as condições de existência dos homens, ou seja, seu mundo real”, para ele:

[...] o que os “homens” “representam para si” na ideologia não são suas situações reais de existência, seu mundo real; acima de tudo, é sua relação com essas condições de existência que se representa para eles na ideologia. É essa relação que está no centro de toda representação ideológica, portanto imaginária do mundo real. É nessa relação que se acha a “causa” que tem de explicar a deformação imaginária da representação ideologia do mundo real. (ALTHUSSER, 1985, p. 127)

A deformação da representação imaginária dos indivíduos é resultado da relação imaginária – diretamente ligada ao inconsciente – desses indivíduos com as condições nas quais eles realmente vivem.

A segunda tese de Althusser se encontra na afirmação de que “A ideologia tem uma existência material”, oposta a uma existência ideal ou espiritual, o que contradiz o próprio termo “ideologia” o qual nos remete semanticamente a palavra “ideia”. A existência material da ideologia nada tem a ver com a falsa consciência que nos apresenta a Ideologia como um elemento constituído no campo de uma existência ideal, esta, se encontra, porém, integrada com a prática. Althusser deixa clara a existência material da ideologia exemplificando como ela se concretiza em seu exercício por meio dos aparelhos ideológicos. Ele argumenta que o comportamento material do sujeito é uma decorrência natural por meio do qual mediante um conceito absolutamente ideológico o sujeito reconhece livremente as idéias em que acredita.

O indivíduo em questão porta-se de tal ou qual maneira, adota tais e tais comportamentos práticos e, mais importante, participa de algumas práticas submetidas a regras, que são as do aparelho ideológico de que “dependem” as idéias que ele, com plena consciência, livremente escolheu como sujeito. (ALTHUSSER, 1985, p. 129)

A existência das ideias que formam a crença de um sujeito é material uma vez que suas ideias consistem em seus atos materiais, implantados em práticas materiais governadas por rituais materiais, os quais, por seu turno, conclui Althusser (1985), são definidos pelo aparelho ideológico material de que procederam as idéias desse sujeito.

Para dispor o exercício dessa prática material de forma mais clara tomaremos um exemplo:

Supondo que determinado professor universitário esteja orientando o trabalho de conclusão de curso de um aluno, na ocasião ele tenta esclarecer ao seu aluno como um sujeito se “reconheceria” como sujeito dentro de um aparelho ideológico, antes que explicasse qualquer coisa o mestre pede ao seu pupilo que pegue papel e caneta e escreva seu nome completo, sem perguntas o aluno prontamente toma caderno, caneta e o escreve conforme ordenou seu professor, porque reconhece que em sua posição de aluno deve obedecer ao mestre.

A ilustração acima é apenas um modelo de como o nosso dia-a-dia é marcado por práticas as quais dentro de cada Aparelho Ideológico nos portamos diante de suas regras e dependemos das suas idéias.

Vale ressaltar que a ideologia não se apresenta como sendo ideologia, tendo como consequência a negação prática de seu caráter ideológico. O sujeito se reconhece dentro dela porque já é sujeitoado, não existe a consciência dessa sujeição nem tampouco a ideologia se apresenta dizendo: “eu sou a ideologia”. Por essa razão Althusser conclui que o indivíduo não existe, pois “os indivíduos são sempre já sujeitos” (Althusser, 1985, p. 134), e tal explanação só reforça a sua afirmação de que a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos.

A noção de sujeito é acrescida a tese central de Althusser (1985) na qual ele finaliza garantindo primeiro que não existe prática a não ser através de uma ideologia e dentro dela, e segundo que não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para sujeitos.

Os Aparelhos de Estados, são distinguidos por Althusser (1985) em duas categorias, os Aparelhos (Repressivo) de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) segundo os quais ele assegura serem palco para o funcionamento da ideologia. Os dois distinguem-se por suas formas de funcionamento.

O Aparelho (Repressivo) de Estado funciona predominantemente pela repressão e secundariamente pela ideologia enquanto igualmente no sentido contrário os Aparelhos Ideológicos funcionam predominantemente pela ideologia e secundariamente pela repressão, ainda que esta seja tênue. Nenhum AIE é puro, não existe um aparelho genuinamente repressivo nem meramente ideológico.

Essas instituições a quais mencionamos, classificadas como AIEs, representam a ideologia dominante e são listadas por Althusser como:

O AIE religioso (o sistema as diferentes igrejas); o AIE escolar (o sistema das diferentes “escolas”, públicas e particulares); o AIE familiar; o AIE jurídico; o AIE político (o sistema político, incluindo os diferentes partidos); o AIE sindical; o AIE da informação (imprensa, rádio e televisão, etc); o AIE cultural (literatura, artes, esportes etc). (ALTHUSSER, 1985, p. 114).

Vale pontuar que AIE da informação, o qual engloba imprensa, rádio, televisão, dentre outros meios, vincula-se diretamente ao objeto da presente análise, tendo em vista que o Jornal Hoje trata-se de um telejornal.

Apoiado em uma teoria materialista do discurso a qual retoma a idéia de Althusser de que as ideologias não são feitas de “idéias”, mas de práticas, Pêcheux (1988) desenvolve a sentença de que os Aparelhos Ideológicos de Estado estão diretamente ligados a transformação das relações de produção que por sua vez estão diretamente relacionadas à luta de classes, permeando os AIEs (na área da ideologia):

[...] os aparelhos ideológicos de Estado não são, apesar disso, puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes "... este estabelecimento [dos aparelhos ideológicos de Estado] não se dá por si só, é ao contrário, o palco de uma dura ininterrupta luta de classes..." o que significa que os aparelhos ideológicos de Estado constituem, simultânea, e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção [...] (PÊCHEUX, 1988, p. 145).

De acordo com Pêcheux os AIEs não são a expressão da dominação da ideologia da classe dominante, e sim o seu meio de se tornarem realizadas.

Tomando por base a tese de Althusser podemos concluir que os aparelhos ideológicos são o meio de promover as condições imaginárias dos indivíduos e suas condições de existência, através das práticas, conseqüentemente “o dizer”, elemento o qual nos propomos analisar, encontra-se incluído nessa prática formando o que se classifica como prática discursiva.

1.2 - Formação Discursiva e Interdiscurso

Um conceito determinante para a análise do nosso corpus é o de Formação Discursiva, tratando de analisar o discurso, devemos entender que ao enunciar, todo sujeito fala a partir de uma Formação Discursiva.

O que motiva o sentido de uma palavra são as posições ideológicas referentes ao processo sócio-histórico no qual estas são produzidas, dessa maneira o sentido de uma palavra não “existe em si mesmo”. Pêcheux (1988, p. 160) resumiu essa tese dizendo: “as palavras, expressões, proposições, etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Para que entendamos o processo de produção dos sentidos e a sua relação com a ideologia é importante que saibamos o papel da formação discursiva, a qual segundo o mesmo autor representa “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma

posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. (Ibid, p.160)

Orlandi (2007) explica como as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas, de forma que os sentidos sempre já são determinados ideologicamente, sendo assim a ideologia produz seu efeito materializando-se no discurso.

Se admitimos anteriormente que o sentido das palavras se constituem dependendo da formação discursiva na qual elas se inserem, admitimos por consequência que uma mesma palavra pode mudar de sentido ao transpor de uma formação discursiva para outra, ou de forma contrária, palavras diferentes no que diz respeito ao sentido literal podem constituir o mesmo sentido se inscritas em uma dada formação discursiva. Por exemplo, a palavra Deus não tem o mesmo significado para um cristão católico, para um índio e para um ateu.

Em síntese Fernandes (2008, p.48) explicita a seguinte reflexão sobre formação discursiva:

“Refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica.”

Pêcheux (1988) retoma a afirmação de Althusser de que a “Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”, de forma que compõe um paradoxo o qual faz com que todo indivíduo seja “sempre-já-sujeito”, nesse contexto é elucidada a noção de pré-construído com a afirmativa: “o efeito de pré-construído consistiria numa discrepância pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensando *antes em outro lugar independentemente*” (PÊCHEUX, 1988, p.156).

Se levarmos em consideração a memória pensada com relação ao discurso, chegaremos ao conceito do que é interdiscurso, caracterizado pelo entrecruzamento de diferentes discursos advindos de diferentes momentos históricos em diferentes lugares sociais e presente no interior de toda formação discursiva.

Pêcheux (1988) define interdiscurso como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. O interdiscurso dispõe de dizeres que atingem o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

“O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa as “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2007, p. 32).

A noção de pré-construído como item desencadeante do interdiscurso, designa uma construção anterior, exterior e autônoma, por oposição ao que é construído na enunciação. Na concepção de Pêcheux (1988, p. 164) o pré-construído corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (“o mundo das coisas”) ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito (pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui).

Enquanto o interdiscurso trata-se do exterior específico de uma formação discursiva, o intradiscurso constitui a sua interioridade, compondo o meio através do qual o interdiscurso se “esconde” e aparece como puro, já-dito, no intradiscurso. O “fio do discurso” é composto pelo que Pêcheux (1988) chama de intradiscurso, o que conduz a articulação do sujeito, assumindo um efeito do interdiscurso sobre si mesmo e acarreta o processo através do qual a forma-sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso.

A função do analista consiste exatamente em separar a relação do intradiscurso com o interdiscurso detectando no intradiscurso o interdiscurso que o estabeleceu. Orlandi (2007) ainda acrescenta a função do analista o fato deste verificar as condições de produção de um discurso remetendo-se a forma como este foi dito, em sua formação discursiva para chegar a compreensão do que está sendo falado.

1.3 – Condições de Produção

“O que são pois as condições de produção?” Uma pergunta elementar de Orlandi (2007, p. 30) pode dar início a este tópico retomando a resposta ao questionamento: “Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. (Ibid, p. 30). As condições de produção se referem ao contexto imediato no qual são dadas as circunstâncias no ato da enunciação. Todavia se levarmos em consideração um sentido mais amplo para o termo, cabe ressaltar que as condições de produção também tratam de um contexto histórico e por que não dizer social, ideológico, como citou Orlandi (2007).

Através do contexto podemos inferir os efeitos de sentidos causados por uma enunciação, e a memória por sua vez, funciona com uma ferramenta que valida as condições de produção. Nesse sentido e com base na explicação de Orlandi (2007) chegamos a compreensão de que a memória a qual se caracteriza quando pensada em relação ao discurso, nada mais é do que o interdiscurso que também pode ser chamado de memória discursiva.

1.4 - O Discurso Jornalístico

Segundo Fernandes (2008) Analisar o discurso requer interpretar os sujeitos falando, tomando a produção dos sentidos como artefato integrante de suas atividades sociais, para isso devemos levar em consideração a mutabilidade dos sentidos das palavras nos discursos. “A análise destina-se a evidenciar os sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção” FERNANDES (2008, p. 15).

A ideologia materializa-se no discurso, este por sua vez é materializado na forma de texto (escrito/falado) através da linguagem verbal. Consideremos que o objeto do nosso estudo, o telejornal, é constituído por uma linguagem, sua significação se dá também através da luta de classes, já que entendemos aqui que o discurso é permeado pelas relações de poder. A produção dos sentidos acontece frente aos lugares de ocupação dos sujeitos em interlocução.

O discurso jornalístico acontece dentro do Aparelho Ideológico da Informação e, portanto não está destituído da ideologia, ele não se encontra livre das relações práticas sociais, assim como acha relação direta com os demais aparelhos

ideológicos uma vez que é fortemente influenciado por várias instituições como a Família, o Estado, a Religião, a Política, entre outras, as quais possuem cada uma, um discurso específico revestido dos seus valores ideológicos.

Os telejornais por sua vez, diariamente assistidos por um grande público, seguem seu discurso sem serem contestados, por seus telespectadores, em sua maioria pessoas de baixo grau de escolaridade ou até mesmo criticidade, além disso, a eles já está vinculada a noção, diga-se de passagem, falsa impressão, de imparcialidade, quando na verdade esse imaginário trata-se de uma construção.

Em seu estudo sobre o discurso do Jornal Nacional, Silva (2004) faz alusão ao estereótipo de imparcialidade deste programa, e declara buscar na Análise do Discurso os procedimentos necessários para desfazer essa ilusão de imparcialidade. Esse mesmo princípio pode ser aplicado ao Jornal Hoje, já que colocamos em pauta o gênero telejornalismo, e nos referimos em ambos os casos a Rede Globo de Televisão.

Diante desse processo, o discurso jornalístico é permeado continuamente pelas relações de poder, o qual se estabelece por meio do funcionamento do próprio discurso. De fato o que pode ou não ser visto ou dito está dentro de uma conjuntura “ética” e discursiva que determina o que é cabível ou não ao discurso jornalístico, nem tudo pode ser dito em meio a uma determinada circunstância assim como não se pode falar qualquer coisa.

Assim como estamos comumente arraigados na construção de que o discurso no jornalismo é imparcial, porque acreditamos fielmente na credibilidade desses noticiosos, a concepção de verdade para o discurso jornalístico, em caso específico para o telejornal, também não passa de uma construção, pois o que é dito sempre constitui um recorte, o olhar do telespectador acaba sendo guiado e direcionado para uma realidade que parece ser única.

No capítulo III nos deteremos ao assunto aqui abordado para aplicação da análise acerca dos discursos erigidos pelo vespertino Jornal Hoje.



Capítulo III

1.1 - Aspectos metodológicos

O objeto deste trabalho pretende analisar os discursos vinculados ao Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, bem como suas estratégias, acatando como embasamento teórico a Análise de Discurso da escola francesa, dada por Michel Pêcheux. Visamos a partir de uma teoria materialista e de conceitos acerca da ideologia, chegar à compreensão de como o conteúdo discursivo jornalístico do JH, reflete determinada formação ideológica.

O procedimento metodológico se deu através da gravação dos telejornais, no período que se estendeu durante uma semana, partindo do dia 21 de setembro de 2010 até o dia 25 de setembro do mesmo ano, totalizando a quantia de cinco telejornais. Em um segundo momento, os telejornais gravados foram transcritos para a seleção do CORPUS.

A escolha do período para as gravações do jornal se justifica no fato de que a semana em questão, decorrente ao procedimento, antecedeu ao primeiro turno das eleições para presidência do Brasil, com data em 3 de outubro de 2010., constituindo um CORPUS que se registra dentro da temporada de campanha eleitoral.

Para uma melhor compreensão da Análise, dispomos de um método no qual foi utilizada a divisão do CORPUS selecionado na figura de enunciados que representam um recorte de seqüência discursiva, não na terminologia gramatical. Os enunciados encontram-se em ordem numérica separados por um recuo na tabulação, e as falas dos entrevistados estão representadas com a fonte em itálico. Para cada seqüência de enunciado temos uma análise correspondente, a qual, por sua vez, pretende detectar os aspectos ideológicos do Jornal Hoje.

Em primeiro plano é importante ressaltarmos que o Jornal Hoje tem como característica técnica uma linguagem voltada para o diálogo do tipo informal, sendo mantida essa informalidade não somente entre os jornalistas, mas também com o próprio telespectador. Percebe-se, por exemplo, que as matérias em sua maioria não são chamadas de forma imediata, havendo sempre um diálogo que as antecede.

2.1 – Código Penal

Em matéria apresentada pelo Jornal Hoje no dia 21/09/2010, dentro do quadro “*Vai dar o que falar*”, era discutido o projeto de Lei em votação na Câmara dos Deputados, incluindo a mentira no currículo como crime previsto no código penal. O caráter informal o qual viemos mencionando, logo pode ser constatado na fala introdutória da jornalista apresentadora Sandra Annenberg, quando ela estabelece um diálogo com o também jornalista apresentador Evaristo Costa.

Em princípio a notícia apenas menciona um projeto de lei que tramita no congresso:

E1 - Olha essa: qual o problema de contar uma mentirinha se é pra conseguir um emprego? (Apresentadora Sandra Annenberg).

Quem pensa desse jeito é bom começar a repensar né Sandra?
(Apresentador Evaristo Costa)

Sem dúvida! (Apresentadora Sandra Annenberg).

Porque mentir no currículo pode virar crime. (Apresentador Evaristo Costa)

O termo “Olha essa” caracteriza bem a informalidade do Jornal Hoje, assim como a própria pergunta: “Qual o problema de contar uma mentirinha?” também ostenta essa informalidade. Tal recurso faz com que haja uma quebra de barreiras entre o telespectador e o telejornal.

É considerável que não apenas no E1, como em todo o resto da matéria, o telejornal sustenta um tipo de discurso, mesmo tendo como foco do quadro “Vai dar o que falar” a disposição de gerar uma polêmica entre opiniões antagônicas em relação a um determinado assunto. No início do texto já é notado que o telejornal possui uma posição: a sustentação do discurso da ética.

Ao usar o termo “mentirinha”, a repórter fala traduzindo um discurso dito em outro lugar, ela aciona o interdiscurso. Esse dizer de outro lugar é originário do discurso familiar/popular, pois as pessoas comumente falam: “qual o problema de contar uma mentirinha se for por uma justa causa?”. Sandra parece deixar sua posição de sujeito/jornalista para assumir aquele dizer, o qual foi dito anteriormente, de quem não vê problema em contar uma “mentirinha” por tratar-se de algo pequeno.

Sendo assim, essa posição da jornalista ao sair para o discurso familiar/popular é a de promover a identificação do telespectador com aquele discurso acionado pela apresentadora.

A contraposição à essa colocação vem logo em seguida com a fala do apresentador Evaristo Costa: “Quem pensa desse jeito é bom começar a repensar né Sandra?”. Quando ele propõe repensar tal “mentirinha”, Sandra prontamente responde a questão, agora voltando a posição de sujeito/jornalista, sustentando um discurso ético, ela responde: “sem dúvida!”, evidenciando que no primeiro texto ela não sustenta aquele dizer, embora esteja falando.

A fala de Evaristo Costa vai contrapor o discurso familiar/popular produzindo efeitos de sentido, de que essas atitudes devem ser reprimidas no âmbito empresarial.

Vale ressaltar que o discurso sustentando trata-se também do discurso ético, mas, refere-se em específico, a ética empresarial, visto que o Jornal Hoje se fundamenta dentro de uma empresa, a Rede Globo, notamos a sustentação desse discurso, em particular, porque remete à mentira no currículo.

E2 – Mentir ou exagerar na hora de fazer o currículo, todo mundo sabe que é errado, mas na prática não é assim tão incomum. (Repórter Guilherme Portanova).

Um colega de faculdade meu, ele já colocou informações falsas no currículo, ele já disse que fez um curso de especialização e ele não havia feito. (Entrevistado Gabriel Mendonça).

No E2, a posição do jornal se mantém assumindo o mesmo discurso contrário à prática da mentira no currículo. O Repórter faz uso do pré-construído, ao argumentar que “Mentir [...] todo mundo já sabe que é errado”, em outras palavras, todos já conhecem o discurso da ética, e embora todos saibam, ainda existem os que burlam essa “lógica”. O Repórter traz ainda para a matéria a fala de um entrevistado que confirma e reforça sua afirmação de que na prática, apesar disso, existe a mentira, pois mentir no currículo “não é assim tão incomum”. Em suma é colocado que assim como a ética existe, também existe quem a burla, a fala do entrevistado corrobora com a afirmação do repórter de que currículos são forjados, sendo assim ele transpõe essa fala em seu favor.

E3 – Foi o que aconteceu também com esta estudante, ela se candidatou a uma vaga que exigia experiência, mas como era apenas um estágio achou um exagero e mentiu. (Repórter Guilherme Portanova).

Tavam procurando muita recepcionista e sempre tavam cobrando experiência e eu nunca tive experiência, aí eu coloquei que tinha tido um ano de experiência na empresa do meu pai. (Entrevistada).

Adiantou? Você conseguiu a vaga? (Repórter Guilherme Portanova).

Não! (Entrevistada).

O Repórter toma um segundo exemplo no E3, e continua reforçando o que “na prática não é tão incomum” mostrando uma outra estudante a qual utilizou o mesmo critério antiético de mentir no currículo.

A diferença neste segundo exemplo está na ênfase de que a estudante acreditava que não havia problema nenhum em mentir, porque era “apenas um estágio”, e que mesmo mentindo ela não conseguiu a vaga. É interessante observar que a pergunta do repórter: “adiantou? Você conseguiu a vaga?” Inserida nesse contexto condiciona a uma resposta que direciona ao fracasso da mentira no currículo, mesmo que seja por algo tão pequeno, “apenas um estágio”. Nesse caso, o próprio critério de seleção dos entrevistados ratifica a posição do jornal em favor da ética empresarial, pois apresentou uma entrevistada mal-sucedida, que não conseguiu a vaga em um simples estágio mentindo, no lugar de qualquer um outro entrevistado o qual poderia perfeitamente ter obtido sucesso ao praticar o mesmo ato. A inserção desta fala provoca sobretudo o efeito de sentido de que não adianta mentir.

E4 – Este especialista em administração e recursos humanos, diz que as maquiagens mais freqüentes nos currículos estão relacionadas com o domínio de idiomas. (Repórter Guilherme Portanova).

Na verdade mascarar um currículo tem um único objetivo, é fazer com que gere entrevista, porque uma empresa coloca um anúncio no jornal, aberto ou fechado gera um monte de candidatos, muitos currículos, então ela não vai entrevistar todos. (Entrevistado Geraldo Torrecillas).

O primeiro aspecto importante a ser ressaltado neste Enunciado é: a pessoa a quem o repórter está fazendo falar. O repórter dá voz justamente a um especialista em administração e recursos humanos, o qual nada mais é do que um representante da ética empresarial.

As palavras “mascarar” e “maquiagens” produzem efeitos de sentido na medida em que máscara e maquiagem não traduzem a face real de alguém. Já que o currículo, de certa forma, apresenta a vida de uma pessoa, o efeito provocado nesse caso é de como se mentir, não fosse apenas uma mentirinha, mas significaria mudar quem realmente você é.

No início do enunciado o repórter traz uma fala referente ao especialista. O especialista complementa explicando o motivo da mentira, ele faz uso de um discurso capitalista apresentando em sua fala que existe dentro da empresa a concorrência, e como nem todo mundo está apto, algumas pessoas serão selecionadas e outras não, e estas acabam mentindo a fim de serem selecionadas. Este é o dito no E4. Existe, porém, neste enunciado um discurso não-dito. O não-dito é que apesar dessa mentira não há garantia de emprego, estará sendo gerada apenas uma entrevista. Isso implica em todas as dificuldades enfrentadas pelo fato de estar mentindo no currículo, porque mesmo mantendo uma postura antiética não há nenhuma garantia de aprovação na entrevista e contratação no trabalho.

E5 – Mas um projeto que está na Câmara dos Deputados transforma a mentira no currículo em crime com pena entre dois meses e dois anos de prisão. O que você acha disso? (Repórter Guilherme Portanova).

Eu acho correto. Porque qualquer informação que você presta oficialmente por escrito, se você dá uma informação errada realmente é crime. (Entrevistada).

Seria uma mentira, mas não a ponto de ser presa, isso é um exagero e até um absurdo. (Entrevistada).

Se o cara mente no currículo ele vai mentir na profissão no que ele faz. Entendeu? então eu acho que o currículo é coisa séria. (Entrevistado).

Eu acho que cadeia não resolve não rapaz, muita gente mente nesse Brasil. (Entrevistada).

O E5 expressa a fala do jornalista a qual colabora com o que foi dito no E4. As pessoas mentem, e mesmo sendo justificadas pelo objetivo de conseguir um emprego, existe um projeto de lei na Câmara dos deputados que transforma mentira no currículo em crime. O repórter é taxativo ao especificar a punição: “com pena entre dois meses e dois anos de prisão” sem entrar em maiores detalhes, o discurso da ética empresarial é mais uma vez sustentado, uma vez que ao mentir no currículo (para a empresa conseqüentemente), o defraudador não será impune. Na frase: “o que você acha disso?” o jornalista confirma o aspecto da informalidade do JH, que já fora mencionado, seguida da fala dos entrevistados.

É constatado na primeira fala da entrevistada, a favor do projeto de lei, que existe uma sustentação lógica em seu dizer, há nesse caso uma enunciação balizada que justifica porque é errado mentir. O que não vemos, por exemplo, na segunda entrevista. A entrevistada se posiciona contra a punição penal, mas não tem nenhum argumento consistente para justificar sua opinião, além de admitir que mentir é um erro: “seria uma mentira”.

O terceiro entrevistado, a favor do projeto de lei, é específico ao falar “Se o cara mente no currículo, ele vai mentir na profissão”, seu dizer ilustra bem o discurso da ética empresarial, pois ele disse “na profissão” ao invés de outra fala como, por exemplo: vai mentir na vida. Nessa fala existe a relevância de que a ética profissional está sendo ressaltada.

A última entrevistada proporciona em seu discurso um efeito de sentido, acionando o interdiscurso, que é o saber interdiscursivo de que dentro da política se mente bastante. Somando-se ao fato de os deputados, sendo eles políticos, votarem no projeto de lei. Se “muita gente mente nesse Brasil”, ou muitos políticos mentem no país, uma medida que visa combater a mentira partindo justamente desses políticos seria hipocrisia, ou o sentido provocado ainda nos remete a interpretação de que tantas mentiras e falta de ética no cenário político devem ser combatidas. A relação da afirmativa em destaque com a política ainda pode ser ratificada já na introdução do E6, enunciado seguinte, com a frase “falamos diretamente de Brasília”.

E6 – Boa tarde, falamos direto de Brasília sobre esta questão da falsidade ideológica, já está prevista no código penal desde 1940, agora eu estou acompanhado de dois advogados do Instituto das Garantias Penais.

Converso primeiro com Ticiano Figueiredo: Porque você é a favor, acha que esse projeto contribui pra sociedade? Boa tarde. (Repórter Guilherme Portanova).

Boa tarde. Boa tarde Sandra, Boa tarde Evaristo. Primeiro toda medida que visa uma moralização e respeita os princípios e garantias constitucionais deve ser bem vinda e aplaudida pela sociedade. No caso do projeto de lei que criminaliza a conduta de inserir dado falso em currículo, como você mencionou, já existe o crime, na verdade ele especifica a questão do currículo, do currículo falso, ou seja, deixa de ser uma lesão mais grave, como era punido com pena de um a três anos de reclusão, e passa a ser punido com a pena de dois meses a dois anos de detenção, ou seja, a questão pode ser resolvida no âmbito do juizado especial criminal, sem que sequer haja necessidade de se propor uma ação penal. (Entrevistado Ticiano Figueiredo).

Obrigado. Converso agora com o Doutor Renato Coelho que é contra o projeto. Por que esse projeto é ruim? Essa questão da detenção é muito grave pro caso? (Repórter Guilherme Portanova).

Boa tarde Sra. Sandra. Boa tarde Sr. Evaristo. Eu efetivamente sou contra esse projeto de lei. Primeiro a gente tem que ter a conscientização que o direito penal não é a solução para todos os problemas da sociedade. Segundo como já dito na reportagem, essas condutas já são previstas no código penal, já tá sancionada pelo código penal, então é totalmente desnecessário a criação desse novo tipo penal. Em terceiro eu fico efetivamente preocupado com as pessoas que vão ser penalizadas numa eventual aprovação desse projeto de lei. É, me parece que serão trazidos pro direito penal aqueles trabalhadores desesperados, aqueles estagiários que estão procurando o seu legítimo direito de emprego. (Entrevistado Renato Coelho).

Obrigado. E você em casa? Você é a favor ou contra o projeto? Você pode participar na nossa página do Jornal Hoje. Evaristo. (Repórter Guilherme Portanova).

Ok, obrigado a todos pela entrevista. (Apresentador Evaristo Costa).

Temos constatado até agora, que enquanto discurso jornalístico, o repórter sustenta um discurso da ética empresarial. Todavia no E6 ele aciona outro dizer, o discurso jurídico para avaliar aquilo que já tem dito acerca da ética profissional. Na ocasião, é visto que o discurso jurídico acabará por intimidar qualquer um que tenha pretensão de mentir no currículo, porque já está prevista por lei uma punição para a falsidade ideológica, trazendo para o caso do currículo uma especificação apenas. A fala subsequente dos advogados viabiliza a sustentação do discurso jurídico.

O primeiro advogado a falar, sustenta a perspectiva de que o projeto de lei em questão favoreceria a empresa. “O repórter pergunta: acha que esse projeto contribui para a sociedade?” esse sentido de contribuição para a sociedade também estaria atrelado ao discurso da ética empresarial.

A fala do segundo entrevistado, apesar de apresentar um discurso jurídico, é perpassada por um discurso político. Embora ele esteja falando de um projeto de lei. Ele afirma: “o direito penal não é a solução para todos os problemas da sociedade”, o fato de não recorrer ao jurídico caracteriza um posicionamento político. Além disso, o que mais enfatiza esse discurso político é quando o advogado diz: “me parece que serão trazidos pro direito penal aqueles trabalhadores desesperados, aqueles estagiários que estão procurando o seu legítimo direito de emprego”. Tal discurso mostra que não tem emprego suficiente para todos os trabalhadores, e por tal motivo eles utilizam a mentira como artifício. A palavra “desesperados” serve como atenuante para justificar essa prática, afinal de contas o direito ao emprego é “legítimo”, só não está sendo fornecido pelo Estado. O discurso político é acionado para criticar a falta de emprego, a palavra “solução”, por exemplo, está muito mais atrelada a geração de emprego para quem precisa do que a punição para quem está mentindo através do currículo.

2.2– Cooperativa x SUS

Em outro momento do jornal, ainda na edição do dia 21/09/2010, tomemos por análise uma matéria que apresenta a morte de uma criança por falta de cuidados médicos. O jornalista Evaristo Costa introduz sua fala:

E7 - E o Jornal Hoje conta agora o drama dos pais de Bruno Souza de Oliveira, o bebê de vinte dias que morreu a espera de uma cirurgia cardíaca em Goiás. (Apresentador Evaristo Costa).

Sabemos que dentro do telejornal o discurso jornalístico sempre será marcado, todavia a matéria em análise aciona outro discurso além do jornalístico, trata-se da mobilização de um discurso literário. No E7 essa ação fica evidente a partir de palavras como “contar”, típica do discurso literário, e “drama”, que promove o sentido de história comovente, triste.

E8 – Os médicos de uma cooperativa suspenderam operações por não concordar com os valores pagos pelo SUS. (Apresentadora Sandra Annenberg).

É muito difícil perder o seu filho e saber que poderia alguma coisa ter sido feita, e ninguém fez. (Entrevistada Cristiane).

Neste enunciado, principiado pela fala da jornalista, existe um dito que relata o conflito entre os médicos e os valores que foram pagos pelo SUS. Com a inserção da fala da mãe da criança, o efeito de sentido provocado é de omissão. O fato de que “poderia alguma coisa ter sido feita, e ninguém fez”, vai contrapor a condição em que é apresentada a situação dos médicos, já que estes pararam de realizar operações, apenas por não concordarem com o salário oferecido pelo SUS. Conclui-se com isso que o telejornal, de certa maneira pretende passar que houve omissão médica no caso.

O não-dito deste enunciado, por sua vez provoca outro efeito de sentido impresso na palavra “valores”, dita pela apresentadora, em contraposição com a fala da entrevistada: para os médicos o valor da questão é financeiro, enquanto que para a mãe da criança o valor é afetivo, uma vez que a palavra valor encontra relação com “perder”, expresso no dizer da mãe. O efeito de sentido provocado é de que os médicos agiram de forma interesseira, eles demonstraram um interesse financeiro que sobrepujou o valor afetivo.

E9 – Bruno, o filho de Cristiane tinha 20 dias, estava internado na UTI desde a semana passada, precisava de uma cirurgia cardiovascular por causa de

um desvio na aorta. Como o caso era de urgência os pais do bebê esperavam que a cirurgia fosse feita pelo Sistema Único de Saúde, mas ouviram outra resposta: (Repórter Lilá Nascimento).

Simplesmente não tem atendimento! Não tem atendimento! (Entrevistado – pai do bebê).

Neste enunciado continuamos detectando o discurso literário, a história anunciada até então como dramática, passa a ser contada. A palavra urgência no caso mobiliza um sentido dentro desse discurso literário, ela está em relação parafrástica com a palavra drama, porque o episódio mencionado é bastante delicado, justamente essa urgência que irá criar a situação dramática. O discurso literário existente vai dando contorno à situação de drama.

Podemos detectar ainda que o discurso literário é perpassado por um discurso político, na medida em que o SUS deveria cuidar da situação de urgência da criança, logo em seguida a fala do pai enfatiza esse discurso, corroborando que houve omissão política por parte do SUS.

O E9 conta ainda com um não-dito: tendo em vista que toda história é composta por vítimas, heróis e vilões, o vilão do caso seria o SUS.

E10 – No final do ano passado vinte médicos que fazem parte de uma cooperativa de cirurgiões cardíacos de Goiás pediram descredenciamento do SUS. Os médicos não aceitam o valor pago por cirurgia, R\$ 894,00 para uma equipe de cinco profissionais. Querem o valor que está na tabela da Associação Médica Brasileira, cerca de R\$ 6.000,00. Desde então nenhuma cirurgia cardíaca infantil é realizada no Estado porque o único cirurgião cardíaco que atende pelo SUS e não é associado da cooperativa não tem especialização em cirurgia pediátrica. (Repórter Lilá Nascimento).

O E10 é trajado por um discurso político, de modo que há um embate entre o SUS e a cooperativa dos médicos, a ponto de os médicos pedirem desligamento do SUS por não concordarem com o valor de 894,00 R\$ pago por cirurgia cardíaca, por outro lado, entretanto o valor exigido pelos médicos representa uma quantia seis vezes maior do que a paga pelo Sistema Único de Saúde, provocando o efeito de sentido de que o valor proposto pelos cirurgiões é alto.

A fala da jornalista continua mostrando omissão por parte do SUS, todavia outro vilão é apresentado: a cooperativa, pois os médicos podem fazer algo e continuam de braços cruzados, e se utilizam de chantagem para obterem o valor pretendido por eles.

Ainda pode ser visto no E10 um discurso técnico médico, palavras como “cooperativa”, “cirurgia”, “Associação Médica Brasileira”, “valor”, “tabela”, “pediátrica”, “especialização”, fazem parte desse discurso.

E11 – Nem a secretaria Municipal, nem a Secretaria Estadual têm ferramentas de impressão legal para forçar que o profissional realize o procedimento (Entrevistado Hélio de Freitas Moraes – Sup. De controle e avaliação da Secretaria Estadual de Saúde – GO).

É preferível o médico ficar parado no consultório dele atendendo os pacientes que apareçam, do que ficar cinco horas numa sala de cirurgia pra ganhar 800,00 R\$. (Entrevistado Wilson Mendonça – presidente da cooperativa).

No E11 continua sendo exposto o impasse por motivo de o valor não ser acertado, entre as partes envolvidas. O drama que contorna a história nos remete a situação de como se duas pessoas estivessem discutindo e por omissão deixassem uma outra morrer porque elas não se acertam. O efeito de sentido exhibe o valor proposto pelo SUS como baixo, porém mais uma vez é perceptível que os médicos se utilizam de chantagem, provocando o impasse, o discurso literário está pautado nessa falta de negociação.

O representante da Secretaria Estadual de Saúde se utiliza de um discurso técnico jurídico ao afirmar: “Nem a secretaria Municipal, nem a Secretaria Estadual têm ferramentas de impressão legal para forçar que o profissional realize o procedimento”, com isso ele diz também que nada pode ser feito, o próprio verbo “forçar” cria um efeito negativo.

Em resposta vemos o discurso de quem está de braços cruzados: “É preferível o médico ficar parado [...] do que ficar cinco horas numa sala de cirurgia pra ganhar R\$ 800,00”. Fica notada a falta de negociação e por consequência a negligência. Quem sai perdendo no final das contas são os pacientes que se prejudicam com a falta de resolução do problema.

E12 – Enquanto isso outras crianças aguardam uma cirurgia cardíaca no Estado. É o caso da filha de Fernando Ferreira, que tem três anos e está internada a cinco dias. (Repórter Lilá Nascimento)

Ela tá bem fraquinha, e tá ficando roxa. Cada dia que passa tá ficando roxa, a ponta da unha, os dedos. (Entrevistado Fernando Fernandes).

O discurso político-literário continua presente no E12, trazendo luz a um efeito de sentido que denota indignação por parte da população através da fala desesperada do pai de outra criança que também aguarda por cirurgia cardíaca e é prejudicada pelo impasse, e intransigência das partes envolvidas.

E13 – Bom o caso da menina Maria Luísa. Ela recebeu alta e já foi para casa sem realizar a cirurgia. (Apresentador Evaristo Costa).

O Ministério da Saúde considera que os interesses de uma classe profissional não podem se sobrepor a vida dos pacientes. O Ministério informou que está em negociação com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, e que a proposta apresentada pelos médicos está sendo analisada. (Apresentadora Sandra Annenberg).

O discurso que compõe o E13 encontra-se em efeito parafrástico ao que está exposto no E8, mais uma vez o sentido de valores é expresso: “O Ministério da Saúde considera que os interesses de uma classe profissional não podem se sobrepor a vida dos pacientes”, é retomada a noção de importância de valores, colocando em confronto o valor financeiro, visado pelos médicos, e o afetivo, por parte dos pacientes.

2.3– 0x0 no placar: empate na Lei da Ficha Limpa

No Jornal Hoje da sexta-feira, dia 24/09/2010 foi exibida uma reportagem abordando o Tema da Lei da Ficha Limpa. Levemos em conta as Condições de Produção para explicarmos que a Lei da Ficha Limpa foi aprovada pelo Congresso e sancionada dia 4 de junho de 2010 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo a lei, fica inelegível, por oito anos a partir da punição, o político condenado por crimes eleitorais (compra de votos, fraude, falsificação de documento público),

lavagem e ocultação de bens, improbidade administrativa, entre outros e também todos aqueles que renunciaram para escapar da cassação. O projeto é resultado de iniciativa popular que obteve em um abaixo-assinado 1,6 milhão de assinaturas. O documento foi protocolado em setembro de 2009 na Câmara.

Analisemos então a matéria:

E14 - A nove dias das eleições ninguém sabe ainda se a Lei da Ficha Limpa vale ou não pra esse ano. (Apresentadora Sandra Annenberg).

O Supremo Tribunal Federal passou dois dias reunido pra definir essa situação, mas deu empate. (Apresentador Evaristo Costa).

O E14 aciona um discurso político, por tratar das eleições e da Lei da Ficha Limpa. O fragmento revela um empate em relação à adoção da Lei para o ano corrente, apesar de faltarem nove dias para as eleições. O discurso explicita a ineficácia do poder jurídico em decidir o impasse. O termo “empate” caracteriza um discurso esportivo. Retomando a noção de Althusser dos Aparelhos Ideológicos de Estado, veremos que o discurso esportivo se encaixaria em uma formação ideológica cultural, sendo assim discurso cultural.

A palavra provoca o sentido de indefinição, no qual não existe vencedor.

E15 - *Eu fui convocada para uma seção no dia 23, eu acho que Vossa Excelência vai ter que me pagar horas extras e adicional noturno. (Elen Grace - Ministra do STF).*

O E15 tem como traço dominante um discurso trabalhista incorporado pela Ministra Elen Grace. Termos como “horas extras” e “adicional noturno” exemplificam essa classificação típica do discurso trabalhista. Tal discurso, porém, incita certo efeito de sentido, em relação parafrástica com a palavra sacrifício, na medida em que um Ministro do Supremo Tribunal Federal não tem o trabalho igualável ao de um trabalhador convencional que se esforça diariamente.

Quando a Ministra se coloca desta maneira, fala como se sua função fosse um sacrifício, tanto quanto a de qualquer outro trabalhador. A fala demonstra a dificuldade na resolução do problema por parte do STF, logo sua ineficácia, como havia sido mencionada no E14.

E16 - *Porque a sociedade aguarda o desfecho desse julgamento que já dura dois dias. (Marco Aurélio Mello - Ministro do STF).*

Todo esse tempo pra se chegar a um impasse. (Repórter Giovana Teles)

Há um empate. (Ministro)

O sacrifício referido no E15 é corroborado agora pela fala do Ministro Marco Aurélio Mello, “a sociedade aguarda o desfecho desse julgamento que já dura dois dias”, ou seja, o julgamento já dura um tempo considerável para se tomar uma decisão. Seguido pela fala da repórter : “Todo esse tempo pra se chegar a um impasse”, e posteriormente a fala do Ministro que diz: “Há um empate”. O E16 mobiliza mais uma vez o discurso esportivo, “empate” ratifica a falta de decisão, não há vencedor.

O discurso é permeado também por um não-dito, pois na medida em que há um empate e não há vencedores, quem deixa de ganhar é a sociedade, retomando que ela própria lutou pela promulgação da Lei em discussão.

E17 - O Supremo se dividiu ao meio, cinco ministros acham que a Lei da Ficha Limpa vale sim pra agora, eleições de outubro, os outros cinco ministros acham que não, dizem que a Lei só valeria a partir da eleição seguinte a desde ano, e que a Lei não pode voltar no tempo, ou seja, não pode atingir candidatos condenados antes da aprovação da Ficha Limpa, resultado: decisão adiada.

O julgamento trata do caso de Joaquim Roriz, que quer governar o Distrito Federal pela quinta vez, a Justiça Eleitoral negou a candidatura de Roriz porque ele renunciou ao cargo de senador em 2007 pra escapar da cassação. Mas esta decisão do Supremo vai servir de base para o julgamento de outros candidatos fichas-sujas.

Deu empate porque o time de ministros está incompleto, Eros Grau se aposentou e a nomeação do substituto pelo Presidente Lula não saiu, pra resolver o impasse. (Repórter Giovana Teles).

O E17 continua marcado pelo discurso esportivo, ao assegurar: “o Supremo se dividiu ao meio, cinco ministros acham que a Lei da Ficha Limpa vale sim pra

agora, eleições de outubro, os outros cinco ministros acham que não”, a repórter provoca como efeito de sentido o fato de que uma equipe dividida não é bem sucedida, dividida ao meio torna-se ineficaz.

Palavras como “resultado”, “decisão adiada”, “empate”, “time incompleto” ainda ilustram o discurso esportivo presente na matéria e elucidam o sentido de não haver vencedor, um “time incompleto”, por exemplo, não vence. A palavra “substituto” também se relaciona com o discurso esportivo.

Em: “Eros Grau se aposentou e a nomeação do substituto pelo Presidente Lula não saiu, pra resolver o impasse” existe um não-dito no qual seu efeito de sentido sustenta um discurso político contrário ao presidente Lula, relacionando-o ao motivo do “impasse”, pois a nomeação do substituto que resolveria o embaraço provém dele.

E18 - O ministro Aires Brito sugeriu até que o presidente do Supremo Tribunal Federal votasse duas vezes. (Repórter Giovana Teles).

Vossa Excelência pretende desempatar? (Ministro Ayres Britto)

Eu não tenho nenhuma vocação pra déspota nem acho que o meu voto vale mais do que qualquer dos outros ministros. (César Peluso - presidente do STF).

Se atentarmos para as condições de produção neste enunciado, observamos que o Ministro Ayres Britto, atualmente vice-presidente do Supremo Tribunal Federal, foi candidato a deputado federal, em 1990, pelo Partido dos Trabalhadores, o mesmo partido do presidente Lula, e nomeado, em 2003, pelo próprio Luiz Inácio Lula da Silva, para o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal, em virtude da aposentadoria do ministro Ilmar Galvão.

Ayres que ainda presidiu o Tribunal Superior Eleitoral no período de 6 de maio de 2008 a 22 de abril de 2010 sugere no E18 algo que seria totalmente inaceitável: uma sugestão de voto que culminaria no despotismo. O efeito de sentido de uma figura suprema provocado pela palavra “déspota”, declarada pelo presidente do STF, César Peluso, em tais condições, na forma em que foi editada pelo Jornal, refere-se indiretamente ao presidente Lula e a administração do PT.

Destacamos ainda que a fala da jornalista relata que o ministro Ayres Britto propôs ao Presidente do Supremo que ele votasse duas vezes, quando na verdade

ele propôs um desempate para resolução da situação. Em seguida a fala do César Peluso colabora com o sentido dado pela jornalista no enunciado, nos transportando para a leitura de uma crítica ao modo de governo do presidente Lula e de como o seu partido se porta.

E19 - O fim do julgamento ainda não tem data marcada, este ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral, explica como fica a situação dos candidatos que estão na mira a Lei da ficha Limpa. (Repórter Giovana Teles).

Prosseguem as suas campanhas somente depois da eleição, creio eu, é vai ser solucionado esse impasse e então se o tribunal o Supremo Tribunal Federal decidir que vale a Lei 185 para as próximas eleições, se decidir isso, e então esses candidatos não terão chance de assumir. (Walter Costa Porto - professor de direito constitucional).

2.4– Economia

Abordando agora o tema economia, o Jornal Hoje que foi ao ar no dia 21/09/2010 mostrou uma pesquisa que aponta um número considerável de brasileiros endividados. Diante do ocorrido o Telejornal trouxe alguns desses casos e o parecer de especialistas em matéria que segue a partir do enunciado número 20:

E20 – Mais da metade das famílias brasileiras têm algum tipo de dívida. É o que revelou o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o IPEA. (Apresentador Evaristo Costa).

É esse estudo mostra ainda que um em cada cinco brasileiros, está com alguma conta atrasada né? (Apresentadora Sandra Annenberg).

O discurso correspondente a este enunciado é o discurso econômico, expresso através de vários dados estatísticos, a exemplo de que os brasileiros possuem dívidas, esse número passa dos 50% da população, além de palavras como dívida, IPEA, conta atrasada.

E21 – Bom, o Jornal Hoje reuniu devedores e também economistas e a conversa deles pode ajudar você. (Apresentador Evaristo Costa).

A fala do jornalista Evaristo Costa reforça o aspecto da informalidade sustentado pelo modelo do Jornal, Um direcionamento é evidenciado em termos como “Bom”, “conversa” e “vai ajudar você”.

E22 – Ana Paula é bibliotecária, Sebastião é auxiliar de manutenção casado com Alberlita, empregada doméstica, todos com o mesmo problema; cadê o dinheiro? (Repórter Ana Brito).

A afirmativa “cadê o dinheiro?” é um indicativo de que apesar de todos os personagens citados na reportagem trabalharem e serem assalariados, o dinheiro que eles ganham é insuficiente para pagarem suas respectivas contas. Tal sentido é provocado a princípio e vai deslizando no decorrer da matéria. Existe no enunciado a representação de várias classes trabalhadoras: bibliotecária, empregada doméstica, auxiliar de manutenção.

O E22 é perpassado ainda por um discurso não-dito ao cabo que o telejornal tenta aproximar cada um desses personagens do telespectador no sentido de mostrá-los como brasileiros comuns que trabalham como qualquer um outro e mesmo assim não possuem dinheiro. A informalidade é a expressão máxima dessa identificação entre o jornal e os telespectadores, apresentada não apenas nessa variedade de profissionais, mas também no discurso extra-verbal, uma vez que a entrevista se passa em uma roda de conversa bem descontraída entre a jornalista e os personagens.

E23 - Se o dinheiro não dá pra pagar todas as contas, qual a gente paga primeiro? Como você faz Ana? (Repórter Ana Brito).

Deixo todas as minhas contas no débito automático e elas acabam consumindo o limite do cheque especial, e ficam pagas em dia. (Entrevistada Ana Paula).

Você faz como? (Repórter Ana Brito).

Eu “tô” pagando atualmente as contas que “tão” vindo a vencer agora recentemente, porque as que estão vencidas já não tem como mais pagar. (Entrevistado Sebastião Ferreira).

Quando você atrasa, atrasa qual? (Repórter Ana Brito).

Atraso a conta de luz. (Entrevistada Alberlita).

Por muito tempo? (Repórter Ana Brito).

No máximo duas semanas (Entrevistada Alberlita)

Esse enunciado também se dá mediante a informalidade: “qual a gente paga primeiro? Como você faz Ana?”, “Você faz como? “ estabelecem um diálogo que vai ganhando os contornos desse aspecto informal. Também existe no E23 um outro processo de identificação com o telespectador, na medida em que cada um dos personagens explicam a forma como estão pagando suas contas, em suas falas estão concebidas as diversas maneiras que os brasileiros usam para saírem de uma determinada pendência as quais farão com que os expectadores sintam-se contemplados por alguma dessas fórmulas.

A Jornalista sempre ressalva que apesar dos atrasos todas essas pessoas pagam suas contas. É reforçada aí a imagem do brasileiro trabalhador que paga suas contas apesar das dificuldades.

E24 - Quem erra menos é Alberlita, já que atrasa a conta por pouco tempo, e quem erra mais é a Ana Paula. (Jornalista Ana Brito).

Usando uma linha de crédito muito cara, que é o cheque especial, para pagar as contas de consumo que têm uma multa cujo o juro é menor do que a do cheque especial. (Entrevistado Mauro Cail – Consultor de finanças).

Neste enunciado está representado o discurso técnico econômico, a jornalista mostra as diferenciações entre as formas usadas pelos brasileiros para quitarem suas dívidas, em seguida é inserida a fala de um especialista que elucida bem esse discurso através de palavras como “linha de crédito”, “cheque especial”, juro, entre outras.

O discurso técnico econômico auxilia o telespectador que assiste a matéria a encontrar uma melhor forma de pagar suas dívidas, denotando também o discurso da adimplência.

Há ainda o não-dito no E24 configura que apesar do esforço de Alberlita e dela está aparentemente certinha, ela apenas “erra menos”, ou seja, ainda está errada. O efeito de sentido provocado infere que independente da estratégia as duas pessoas estão erradas a diferenciação entre elas está apenas na forma de atraso.

E25 – Quando o salário fica menor do que as contas, não tem mágica! Tem que reduzir as dívidas. A despesa de Ana Paula passa dos 1.700 reais por mês (Repórter Ana Brito).

Meu salário líquido é de 2.000 reais. (Entrevistada Ana Paula).

O fato do “salário ficar menor do que as contas” provoca um efeito de sentido a princípio pode-se pensar que o dinheiro é insuficiente para pagar as contas, contudo em seguida podemos perceber que o efeito de sentido anunciado pela palavra “mágica” designa que quando o salário fica menor do que as contas não tem ilusão, as soluções não irão simplesmente aparecerem e as dívidas têm que ser reduzidas. Há neste enunciado um deslizamento de sentido, pois, onde antes ocorria uma sugestão, uma proposta a pagar suas dívidas, existe agora a exigência de pagamento desses débitos: “tem que reduzir as dívidas”.

Ao revelar as dívidas de Ana Paula, a repórter carrega em sua fala o efeito de sentido da exageração. Ao mesmo tempo em que 1.700 reais parece ser um número exagerado, o próprio salário de Ana Paula, de 2.000 reais é um valor consideravelmente alto, o efeito de sentido provocado é de que até quem ganha um salário relativamente considerável não consegue pagar suas dívidas. O fato de alguém ser devedor não é apenas o de ganhar pouco, mas pode haver também a falta de controle. Entre o salário de Ana Paula e o valor que ela deve existe a discrepância de que o seu saldo final de 300 reais é insuficiente para se pagar outras despesas básicas.

E26 – O problema piorou quando ela comprou um terreno e começou uma construção. (Repórter Ana Brito).

Pode ser que às vezes você vai ter que vender como um prejuízo sim, para se livrar do problema. (Entrevistado Mauro Cail – Consultor de finanças).

Faz tempo que o salário do Sebastião não acompanha as contas, ele tem um carro que vale 12.500 reais, mas está com a documentação atrasada. (Repórter Ana Brito).

O ideal seria vender esse carro, certamente vai “tá” um pouco abaixo do valor que “cê” vai provavelmente pegar em tabela, na tabela alguma coisa, então

estas despesas ficariam por conta desse lojista que compraria seu carro. (Marlene Zerrato – consultora financeira).

No início do E26 A repórter vai continuar se referindo a Ana Paula, “O problema piorou quando ela comprou um terreno e começou uma construção”, aciona em primeiro lugar uma memória discursiva dentro do discurso familiar referente ao sonho de todo brasileiro de ter uma casa própria ou até mesmo um carro, memória discursiva percebida no segundo entrevistado. A análise das falas da repórter infere que esse sonho pode ser destruído pela própria dívida, mostrando um aspecto negativo embora que não seja obrigatório o pagamento desse débito. Ao mesmo tempo o trabalhador terá que se sacrificar para ter suas contas em dia, “Ideal” e “certamente”, fala da especialista, também evidenciam esse sacrifício.

O não-dito expressa a obrigatoriedade em pagar essa dívida, os técnicos especialistas não deixam outra alternativa que não seja pagar as contas mesmo que para isso seja exigido um sacrifício como o fim do próprio sonho.

E27 - Alberlita ajuda nas despesas mas está com o nome sujo, a esperança é o décimo terceiro que vem aí. (Repórter Ana Brito).

Procure seus credores e faça o pagamento à vista, você vai ter um bom desconto, vale a pena! (Marlene Zerrato – consultora financeira).

Quem tem várias contas e vai receber um dinheiro extra, deve fazer o que? Pagar uma inteira? Ou um pouco de cada? (Repórter Ana Brito).

Pagar uma inteira, agora qual pagar? Aquela conta mais cara. O que é a conta mais cara? É aquela que tem os juros maiores “tá”? (Entrevistado Mauro Cail – Consultor de finanças).

Esse enunciado retoma o discurso técnico econômico caracterizado por palavras como: “credores”, “pagamento”, “a vista”, “desconto”, etc.

O não-dito deste discurso é perpassado por palavras que indicam que quem está nesse tipo de situação, ou seja, endividado, é alguém inferior. “Alberlita ajuda nas despesas mas está com o nome sujo”, provoca um efeito de sentido: o Jornal poderia nesse contexto ter utilizado um termo técnico como Alberlita está com o nome no SPC, por exemplo. A escolha de “nome sujo” no lugar de uma nomeação técnica acaba sendo negativa e pejorativa. “Esperança” é um indicativo de que o

indivíduo volte a ter outra situação, de igualdade, ou seja, ter o nome limpo, seguido pelo incentivo “vale a pena”.

E28 - As contas mais urgentes são as imprescindíveis que a gente não pode deixar de ter: água, luz, aluguel. Alberlita já sabe o que pode fazer para cortar gastos.

Começando pelo meu esposo, que ele levava marmita antigamente para o trabalho e hoje não leva, fica fazendo dívida por aí.

Neste enunciado quem apresenta a solução para corte de gastos é uma das personagens, isso provoca mais uma vez o efeito de identificação com o telespectador. Terminologias como “Urgente” e “Imprescindível”, assinalam a emergência no pagamento da conta.

O não-dito detectado no enunciado número 28, implica no sacrifício que a solução de Alberlita decreta. “Fica fazendo dívida por aí” provoca um efeito de sentido: Comer de marmita é uma questão de necessidade, comer fora seria uma atitude normal para qualquer trabalhador, porém como a dívida exagerada em relação ao orçamento demanda certo sacrifício, o Jornal atenua, ao invés de dizer que o esposo da personagem come fora ele insere a fala: “Fica fazendo dívida por aí”, o que reforça o discurso da adimplência.



Considerações Finais

Primeiro se faz necessário validar que o Jornal Hoje, enquanto produto veiculado pela televisão, está inserido no Aparelho Ideológico de Estado da Informação, portanto, haverá no JH uma sujeição à luta de classes, de modo que estará submetido à classe dominante.

Baseados nessa inferência, logo podemos descartar o caráter imparcial defendido pelo telejornalismo. Nosso estudo teve por objeto averiguar os efeitos de sentido empregados no discurso do JH.

Na primeira matéria analisada, ao pôr em xeque um projeto de Lei abordando a mentira no currículo, fica clara a posição do jornal a favor da ética empresarial, episódio que não é de se admirar se levarmos em consideração o fato da Rede Globo ser uma empresa, e o discurso sustentado pelo jornalista não é um dizer propriamente dele, e sim da empresa a qual ele representa.

Elementos como a informalidade na comunicação, o tom aproximativo com o telespectador, o contraste entre as opiniões que trazem posicionamentos contra ou a favor, poderiam até servir para dissimular o aspecto parcial do jornal. Porém a própria escolha de uma fala ao invés de outra, no caso das entrevistas, por exemplo, deixam explícito o posicionamento do JH a favor da ética empresarial, representando uma minoria em nosso país (classe dominante). E induzindo durante toda a matéria ao telespectador não se encontrar perante essa prática ilícita, mesmo que comum, de mentir no currículo com o agravante de ser punido. Nesse tema podemos perceber ainda um posicionamento do Jornal contra o sistema político, deixando implícito através da fala dos entrevistados que os políticos mentem, e responsabilizando o governo pela falta de empregos no país.

O segundo tema trata de saúde pública, mas não deixa de se posicionar mais uma vez contra o sistema político, todo impasse narrado se dá pela falta de pagamento do SUS (órgão público) a uma cooperativa de cardiologistas que se negam a efetuarem cirurgias cardiovasculares pediátricas, enquanto as crianças sofrem, e até morrem com a situação de caos. A narrativa institui dois vilões, os médicos, apresentados como ambiciosos e omissos, e o SUS que não cumpre sua incumbência de avaliar a saúde pública, notadamente a situação é política, uma vez que o SUS deveria resolver o impasse, que provoca todo o drama dos personagens. O público atingido pelo jornal, deve abordar em sua maioria cidadãos comuns, pessoas que não tem condições de pagar uma consulta particular ou serem contempladas por um plano de saúde, logo a matéria vai tratar diretamente com

telespectadores que certamente se utilizam do Sistema Único de Saúde (SUS), como a maioria dos brasileiros, e farão adesão a esta imagem negativa que acaba se ligando ao governo.

O caso que trata da Lei da Ficha Limpa, abordando novamente aspectos políticos, remete a mais um impasse, onde uma questão importante poderia ser resolvida e quem perde, apesar do empate, é o povo. O Próprio povo por sinal lutou por esse direito através de abaixo-assinado. O Jornal acaba contrastando o que seria a vontade do povo, com a vontade dos políticos, personagens que por sua vez encontram-se diretamente vinculados a aprovação das leis. Além disso, o discurso do JH colabora nesse sentido com o fato de que o trabalho dos ministros (figuras do governo) é “mole” se comparado a um trabalhador braçal, e mesmo assim no caso em questão não encontrou eficácia. Percebermos também aí, uma crítica ao presidente Lula, pois ele quem elege os ministros, seria o “culpado” pelo desfalque na votação, a qual deu empate porque estava incompleta. Constatamos ainda perante este mesmo tema a posição do Jornal contra o Partido dos Trabalhadores (PT) através da postura dos ministros desse partido representada pelo jornal.

Por fim o JH vem sustentar através de uma matéria que fala sobre economia, o discurso da adimplência, totalmente favorável a classe empresarial. O jornal deixa escapar a coerção ao trabalhador brasileiro a pagar suas dívidas mesmo que para isso sacrifique os seus sonhos. Podemos atentar ainda pras condições do brasileiro comum, que trabalha de sol a sol, mas, seu dinheiro é insuficiente pra ter suas necessidades elementares supridas, como ter uma casa própria ou até mesmo poder se alimentar “fora”. O discurso da adimplência cabe perfeitamente dentro da lógica empresarial, pois é ao empresário que o trabalhador “deve”. Por sua vez o tema dívida encontra relação com falta de dinheiro, e se mesmo trabalhando o dinheiro é pouco, a política entra mais uma vez no cenário do discurso sustentado pelo Jornal Hoje.

Fica comprovado, portanto, que nas vésperas das eleições para a presidência do Brasil, o Jornal Hoje, apresentou um discurso que carregou em seus efeitos de sentido posicionamentos de vários aspectos. Particularmente posicionou-se também contra o sistema político brasileiro de uma forma geral, e em específico contra o presidente Lula e o partido dos trabalhadores.

Detectamos então quatro discursos distintos: o ético/empresarial, condenando a mentira no currículo, o literário, condenando a disputa entre SUS e médicos, o

esportivo, condenando a falta de resolução na aplicação da Lei da Ficha Limpa, e o econômico, condenando o endividamento. Apesar de suas especificidades, através desses quatro tipos de discurso, é possível inferir que o Telejornal pode até ter um critério de julgamento, mas o que caracteriza o seu discurso é uma orientação, permeada por uma instrução. Há o indicativo por parte do JH de que para todos os casos existe uma solução. E o não-dito apresenta esse caminho através da negociação.

A análise dos efeitos de sentido e das estratégias utilizadas, só foi possível através da contextualização desses elementos, e de ferramentas da AD, como interdiscurso, formação discursiva, entre outras empregadas na constituição desse trabalho.

Esperamos ter contribuído para que outros produtos acadêmicos sejam elaborados, nesse sentido, de executar através da compreensão do dizer, o sentido provocado em sua profundidade, não apenas na superfície, adotando como instrumento a técnica da Análise de Discurso.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 2.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARBEIRO, Heródoto. LIMA, Paulo Rodolfo de **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2.ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2002. – 4ª impressão.

BISTANE, Luciana. BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2.ed., São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, Argemiro. “**As redes de TV e os senhores da Aldeia Global**”, in NOVAES, adauto, org. **Rede imaginária. Televisão e democracia**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Cia das Letras, 1991. Pp. 155-169.

FRANÇA, Vera Veiga, “**O objeto da comunicação/a comunicação como objeto**”, In. HOHLFELDT, Antônio. MARTINO, Luis C., FRANÇA, Vera Veiga, org. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Pp. 39-60.

OLIVEIRA, Vilma Ferreira de. **A Captura dos telespectadores – uma análise das estratégias de produção do Jornal Hoje da Rede Globo**. 2004.

ORLANDI, Eni P.. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2.ed., rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. – 3ª reimpressão.

PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. (Título Original: Lês vérites de la palice).

POZENATO, Kenia Maria Menegotto. **Retórica e jornal televisivo**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito Além do Jardim Botânico**. São Paulo: Sammus, 1985.

SILVA. Moisés Araújo. **A Heterogeneidade Discursiva e a Mídia: Novos Horizontes Teóricos**, in LUCENA, Ivone Tavares de. OLIVEIRA, Maria Angélica de. BARBOSA, Rosemary Evaristo. Orgs. **Análise do Discurso: das movências de sentido às nuances do (re)dizer**. João Pessoa: Ideia, 2004. Pp. 207-231.